

**Brasil no FMI** País deixa pré-negociado um novo empréstimo, mas não pretende pedir mais dinheiro agora

# Idéia é pedir ajuda só se a situação piorar

**Cristiano Romero**

De Washington

O Brasil não pretende pedir dinheiro emprestado ao Fundo Monetário Internacional (FMI) neste momento. A idéia, segundo informou ontem ao **Valor** um graduado do funcionário do Fundo, é negociar um novo empréstimo com a instituição só se a situação piorar antes das eleições de outubro.

A estratégia também foi confirmada por uma fonte do governo brasileiro. "Se a situação se deteriorar até lá, avaliaremos a necessidade de negociar novos recursos. Por

enquanto, não vemos necessidade porque o mercado estabilizou", disse o assessor.

Outro cenário com o qual trabalha a equipe econômica brasileira diz respeito ao período pós-eleitoral. A aposta é a de que o candidato do governo, José Serra, reagirá nas pesquisas e ganhará a eleição. Com isso, acredita o governo, os investidores vão se acalmar e, aí, poderá não haver a necessidade de se fechar um novo acordo com o FMI.

Porém, caso o candidato da oposição, Luiz Inácio Lula da Silva, vença a disputa, os economistas do governo acreditam que o mercado poderá

ficar "estressado" novamente. Confirmando-se essa hipótese, o governo poderá, desde que tenha o apoio do presidente eleito, negociar um novo acordo com o Fundo.

Esta foi a "estratégia de transição" negociada na semana passada pelo presidente do Banco Central, Armínio Fraga, na visita de três dias que fez a Nova York e Washington. Na quarta-feira, Fraga percebeu, após ser recebido pelas principais autoridades econômicas do governo americano e do FMI, que havia abertura para uma nova ajuda ao país, independentemente de quem será eleito em outubro.

"Nós queríamos deixar aberta, para o presidente eleito, a possibilidade de negociar um novo acordo com o Fundo antes do término do mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso", assinou uma fonte.

No encontro que teve com Lawrence Lindsey, principal conselheiro econômico do presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, Fraga ouviu de seu interlocutor que o presidente do PT, José Dirceu, havia solicitado um encontro com ele em Washington — e esta reunião acontecerá na quinta-feira.

O presidente do BC enxergou na disposição de Lindsey uma oportunidade para ele próprio, Fraga, encontrar-se com o deputado Aloísio Mercadante, principal assessor econômico do PT. A mensagem parece ter sido captada pelos mercados.

Ontem, o "Wall Street Journal", principal jornal econômico dos EUA, informou na primeira página que Fraga está "mobilizando os partidos de oposição do país para concordar sobre políticas econômicas fundamentais, esperando (com isso) melhorar a confiança do investidor antes da eleição pre-

sidencial de outubro". "O apoio do Fundo vai estar lá para quem apresentar políticas saudáveis", disse uma fonte da instituição.

O atual acordo do Brasil com o Fundo expira no fim do ano. Do empréstimo de US\$ 15 bilhões aprovado em agosto do ano passado, não resta mais nada para o país desembolsar. "O cenário se estabilizou e nós temos os US\$ 10 bilhões que sacamos do FMI", observou um assessor do governo.

Nos últimos quatro anos, o Fundo disponibilizou US\$ 33,8 bilhões ao Brasil, o equivalente a cerca de 6% do PIB do país.